

# **NÃO DEVER CORPOREIDADES: caminhos para interpretações visuais a partir das não-binariedades no Instagram<sup>1</sup>**

## **I DON'T OWE YOU A BODY: pathways for visual interpretations of non-binarities on Instagram**

Juliana Soares Gonçalves<sup>2</sup>  
Julianna Paz Japiassu Motter<sup>3</sup>

**Resumo:** *Com base na proposta de análise crítica de textos visuais de Abril (2007) e em diálogo com a sociologia da imagem de Rivera Cusicanqui (2015), este artigo busca refletir sobre a construção das representações visuais e textuais das identidades não-binárias na plataforma de rede social Instagram. O estudo concentra-se na análise das imagens do projeto @ser.trans como objeto de investigação. Para isso, são abordadas as perspectivas conceituais de imagem/imaginário, estabelecendo um diálogo entre Cusicanqui (2015) e os pontos de vista de outros autores, como Martins (2023), Leal (2021), Mombaça (2021), Silva (2017) e hooks (2020). O artigo tenta adentrar algumas das limitações teórico-metodológicas e epistemológicas de se analisar imagens das não-binariedades isoladas de suas apresentações de si.*

**Palavras-Chave:** Não-binariedades. Imagens. Instagram.

**Abstract:** *Based on the proposal for a critical analysis of visual texts by Abril (2007) and in dialogue with the sociology of the image by Rivera Cusicanqui (2015), this article aims to reflect on the construction of visual and textual representations of non-binary identities on the social media platform Instagram. The study focuses on the analysis of images from the project @ser.trans as the object of investigation. To this end, the conceptual perspectives of image/imagination are addressed, establishing a dialogue between Cusicanqui (2015) and the viewpoints of other authors, such as Martins (2023), Leal (2021), Mombaça (2021), Silva (2017), and hooks (2020). The article seeks to explore some of the theoretical-methodological and epistemological limitations of analyzing images of non-binarities isolated from their self-presentations.*

**Keywords:** Non-binarities. Images. Instagram.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação, Gêneros e Sexualidades. 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba - PR. 10 a 13 de junho de 2024.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação e Sociabilidade Contemporânea pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), julianoasores.goncalves@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutoranda em Comunicação e Cultura Contemporânea na Universidade Federal da Bahia (UFBA), juliannamotter@gmail.com

## 1. Introdução

Em 2023, fizemos um primeiro exercício reflexivo em torno da emergência das não-binariedades na plataforma de rede social *Instagram* por meio de suas representações visuais. Tratava-se de um esforço de fazer uma interlocução entre os estudos de comunicação, especialmente os que mesclam as questões de imagem e visualidades, com plataformas digitais e as discussões sobre gênero e sexualidade na contemporaneidade. Nesta proposta, nos deparamos com o seguinte problema: como estudar as visualidades emergentes das não-binariedades no *Instagram* sem incorrer em lógicas binárias, que são tanto constituidoras dessas plataformas digitais, como também integram a matriz conceitual e interpretativa desse tipo de estudo em torno das representações visuais?

Esse problema, no entanto, parece nos fornecer possibilidades de pensar não apenas sobre a pesquisa pretendida, mas mais profundamente sobre as revisões teórico-metodológicas necessárias, para o campo da comunicação e para os campos de estudos de gênero e sexualidade. Revisões que se tornam cada vez mais imprescindíveis para ampliação das discussões em torno da diversidade de gênero. Esse artigo tem o objetivo, portanto, de discutir teoricamente sobre essas revisões a partir das não-binariedades, tendo como ponto de partida as textualidades visuais sobre não-binariedades no perfil *@ser.trans* no *Instagram*, por considerá-lo um dispositivo importante na formulação das identidades a partir dessas disputas em torno de imagens e subjetividades (Bentes, 2018). O *@ser.trans* é um projeto que propõe a construção de um arquivo visual e sonoro sobre pessoas trans, travestis e não-binárias, com o objetivo de ampliar as possibilidades de representação das existências trans e atuar no combate aos estereótipos. Nossa escolha se baseia na seleção de postagens sobre pessoas que se apresentam como não-binárias, ou que reivindicam a não-binariedade em suas falas, ainda que associadas a outras identidades de gênero, como são os casos de travestilidades não-binárias e das sapatônicas não-binárias.

Assim, nos propomos a refletir sobre como o próprio exercício de análise pode demandar ferramentas teórico-metodológica atualizadas para acessar essas corporeidades na potência de sentidos em que elas se propõem, diferentes daquelas recorrentemente utilizadas nas investigações resultantes do modelo tradicional de ciência. Este trabalho tem a função de levantar questões, mais do que respondê-las, lidando com a contingência presente nas corporeidades não-binárias, nas imagens e nas próprias plataformas digitais. Para isso vamos, na primeira seção, discutir o que estamos compreendendo enquanto não-binariedade,

convocando autores como Halberstam (2008), Anzaldúa (2021), Kobabe (2023) e Preciado (2011; 2018; 2020), para, em seguida, apresentar o percurso metodológico realizado para análise de tais imagens dentro de uma perspectiva crítica, tomando como base a proposta de análise crítica de textos visuais de Abril (2007); na terceira seção, em diálogo com a sociologia da imagem de Rivera Cusicanqui (2015), compartilhamos as noções de sentido e imaginário que nos parecem importantes para este trabalho, promovendo o diálogo entre as visões de autores como Martins (2023), Leal (2021), Mombaça (2021), Silva (2017) e hooks (2020); na quarta seção apresentamos nossas reflexões sobre as análises das imagens diante das corporeidades não-binárias e as potências de fabulação que elas apresentam para nossos arcabouços teórico-metodológicos e, por último, trazemos as considerações finais.

## 2. Não-binariedade: um não-lugar que é um lugar

Partimos da compreensão de que a ideia de que a não-binariedade seja um não-lugar passa, na verdade, pela reivindicação de um lugar-outro. Isso significa dizer que "o lugar faz parte da experiência e do conhecimento" (GARCIA, 2018, p.26) e que a não-binariedade impõe à matriz de gênero instituída pelo ocidente (LEAL, 2018) um outro paradigma material-semiótico ou, ainda, que ela fala contra a própria noção de gênero (AZEVEDO, 2024). Ou seja, que qualquer esforço de teorizar sobre as não-binariedades implica admitir as lacunas que atravessam essas discussões e definições em torno de quem são e quem podem vir a ser essas corporeidades. Isso nos coloca diante de uma necessidade de deslocamento das categorias e contribuições teórico-metodológicas empreendidas até então, principalmente porque assumimos essa fluidez enquanto um aspecto importante da discussão, sobretudo porque não temos a pretensão de definir, neste trabalho, um entendimento fixo sobre sujeitos não-binários<sup>4</sup>.

Ainda, sujeitos não-binários são mobilizados aqui a partir da categoria de sujeitos do vislumbre, uma tradução-interpretativa a partir discussão teórica de Jack Halberstam (2008), em sua obra *Masculinidad Femenina*<sup>5</sup>. O autor vai desenvolver uma breve análise de uma obra fotográfica de Cabello/Carceller, intitulada *Autorretrato como fin de fiesta* (FIG 1) onde são apresentados dois registros de uma pessoa fazendo um movimento com a cabeça. A partir dessas imagens, Halberstam afirma que, na medida de um vislumbre, quem observa a obra não

<sup>4</sup> O uso da expressão "sujeitos não-binários" tem como finalidade corresponder à torção linguística proposta pela linguagem neutra, de não generificar imediatamente sujeitos dentro da lógica binária feminino/masculino.

<sup>5</sup> O livro foi publicado pela primeira vez em 1998, em inglês, como *Female Masculinity*. Em 2008, foi traduzido e publicado em espanhol, mas ainda não foi traduzido para o português. Podemos, no entanto, traduzir livremente para "Masculinidade Feminina".

consegue distinguir o gênero da pessoa retratada. A investigação se detém mais especificamente na maneira como a

tenção da masculinidade entre movimento e repouso circula entre os corpos e, também, sobre a superfície de cada corpo individual. Cabello e Carceller mostram repetidas vezes a masculinidade como esse reflexo do mesmo como a diferença, frequentemente colocam dois corpos um junto do outro fazendo a mesma atividade, mas fazendo-a de maneira ligeiramente distinta [...] Em ambas as imagens, a identidade se estabelece como um problema que deve ser interpretado entre os corpos: nossos olhos vão e vêm entre ambas as imagens, tentando comprovar que cada corpo é singular e seguirá sendo singular (HALBERSTAM, 2008, p.9, tradução nossa).

Sujeitos do vislumbre podem ser, portanto, sujeitos do relance, onde a distinção de gênero pode se estabelecer como um problema a ser interpretado apenas comparativamente com outra mirada e em um olhar detido (HALBERSTAM, 2008), mas cuja a resposta, ao final não deveria interessar à coletividade, pois seu gênero não corresponde à lógica comparativa. Nesse sentido, o relatar a si mesmo, enquanto um processo de auto enunciação e auto (in)definição, reside em um processo de reconstrução que desafia a norma (BUTLER, 2015), ou seja, a distinção de gênero deve ocorrer a partir da enunciação de um sujeito sobre si mesmo. Nas plataformas de redes sociais, podemos interpretar que isso passa a ocorrer, por exemplo, na maneira como um sujeito se identifica na bio do Instagram, utilizando a linguagem verbal ou emoticons<sup>6</sup> para se reivindicar pertencente a algum grupo social. Assim, sugerimos que a interpretação de gênero não ocorre somente a partir de uma captura, de um *frame* de imagem.

---

<sup>6</sup> Os emoticons são um exemplo tão evidente da reivindicação de formas de se identificar que passam a ser acionadas nas plataformas de redes sociais, assim como outros elementos gráficos, como os temas de chat, que na recente mudança da Meta em torno da criminalização de identidades LGBTQIA+, especialmente identidades trans\*, alguns elementos relacionados a essas comunidades foram retirados. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/poder-tech/meta-remove-terminos-lgbt-de-temas-de-chats-do-messenger/>>. Acesso em: 16 fev. 2025.



FIGURA 1 – *Autorretrato como fim de festa*  
FONTE – HALBERSTAM, 2008.

Esses sujeitos do vislumbre também podem ser pensados a partir da ideia de sujeitos dos *amasamientos*, de Gloria Anzaldúa (2021), que são sujeitos do não-lugar, que podem ocupar as fronteiras entre os gêneros. São sujeitos que podem desejar menos marcadores de gênero (KOBABE, 2023), ou mais confusões entre eles, que podem pensar os processos de generificação menos como uma balança, mas mais como uma paisagem (KOBABE, 2023), ou seja, enquanto processos situacionais, ou de deslocamento, angulação e reinterpretação.

É válido destacar que isso não significa, no entanto, que sujeitos não-binários precisem, necessariamente, corresponder a uma certa noção de androginia ou ambiguidade de gênero em suas visualidades, pois trata-se, sobretudo, de um processo de (des)identificação e reivindicação dessa categoria. Sujeitos do vislumbre são sujeitos que se situam nesse entre-lugar consciente de articulação de uma outra categoria, que não pretende se estabelecer necessariamente como um terceiro gênero, ou como um gênero outro, mas como um apontamento para uma desidentificação radical (PRECIADO, 2020). Paul Preciado (2020) afirma que, possivelmente, nossa maior urgência nos dias de hoje seja não a de “defender o que somos (homens ou mulheres), mas rejeitá-lo, é desidentificar-nos da coação política que nos força a desejar a norma e a repeti-la. Nossa práxis produtiva é desobedecer às normas sexuais e de gênero” (PRECIADO, 2020, p.316).

Essa urgência de apelar à (des)identificação já havia sido provocada por Foucault (2014), quando o filósofo afirma que

Sem dúvida, o objetivo principal, hoje, não é descobrir, mas recusar o que somos. Devemos imaginar e construir o que poderíamos ser para nos livrarmos dessa espécie de “dupla obrigação” política que são a individualização e a totalização simultânea das estruturas do poder moderno. Poder-se-ia dizer, para concluir, que o problema, ao mesmo tempo, político, ético, social e filosófico que se apresenta a nós, hoje, não é de tentar liberar o indivíduo do Estado e de suas instituições, mas de nos livrarmos, nós, do Estado e do tipo de individualização que a ele se prende. Precisamos promover novas formas de subjetividade, recusando o tipo de individualidade que se nos impôs durante vários séculos. (FOUCAULT, 2014, p. 128).

Seguindo esse raciocínio fronteiriço, entende-se que a verdade é que “o corpo não é propriedade, mas relação. A identidade (sexual, de gênero, nacional ou racial) não é essência, mas relação” (PRECIADO, 2020, p.178), reiterando, inclusive, a importância de dar a devida atenção a sujeitos dos *amasamientos* (ANZALDÚA, 2021) ou sujeitos do vislumbre (HALBERSTAM, 2008) citados anteriormente, cuja matriz identitária estaria justamente pautada na multidimensionalidade de relações fronteiriças através das quais são compostos.

Ainda, as visualidades apresentadas no Instagram têm ajudado a construir sentidos e imaginários sobre aquilo que tem sido interpretado enquanto dimensões das corporeidades queer (MALATINO, 2019), “compreendidos enquanto corpos que não são coerentes de acordo com as concepções que uma normalidade cis-cêntrica, sexualmente dimórfica exerce” (MALATINO, 2019, p.2, tradução nossa). Para a autora, sujeitos intersexo, em não-conformidade de gênero, não-binários e trans<sup>7</sup>, de modo geral, colocam em questão a ontologia da diferença de gênero ao confrontá-la com suas experiências corporificadas.

Destaca-se, portanto, nas visualidades de sujeitos não-binários, aquilo que Preciado vai chamar de política das multidões *queer*, que seria um esforço que

emerge de uma posição crítica a respeito dos efeitos normalizantes e disciplinares de toda formação identitária, de uma desontologização do sujeito da política de identidades: não há uma base natural [“mulher”, “gay” etc.] que possa legitimar a ação política (PRECIADO, 2011, p.18).

Em que medida a política de multidões *queer* pode nos ajudar a pensar novas formas e processos de subjetivação e representação de corporeidades e visualidades queer, em tempos em que “as telas são as novas peles do mundo (...). São a pele de uma nova entidade coletiva

---

<sup>7</sup> Importante destacar que sujeitos não-binários estão situados nas diferentes vivências/experiências que estão situadas no guarda-chuva das identidades e desidentificações Trans.



radicalmente descentrada e em processo de subjetivação” (PRECIADO, 2020, p.253)? Isto tendo em mente que não apenas as sexualidades, mas mesmos os processos de generificação são construídos por “moléculas comercializadas pela indústria farmacêutica e por um conjunto de representações imateriais que circulam nas redes sociais e nos meios de comunicação” (PRECIADO, 2018, p.162).

Levando em consideração tais aportes conceituais sobre não-binariedades, nos dedicaremos a seguir aos apontamentos metodológicos que nos conduzem. Nesta etapa, nos dedicaremos a apresentar a empiria que assumimos como ponto de partida para a reflexão proposta, o perfil @ser.trans da rede social *Instagram*, além de acionar como operador analítico a análise crítica de textos visuais de Abril (2007).

### **3. Qual seria o percurso metodológico: análise crítica de textos visuais**

A questão que mobiliza esta análise passa por pensar a força performativa de imagens na plataforma de rede social *Instagram* a partir do perfil @ser.trans, e como isso pode atuar na interpretação e produção de significados/imaginários de gênero, como forma de desnaturalizar parâmetros e prescrições da cis-heteronormatividade. Escolhemos a plataforma de rede social *Instagram* por acreditarmos que ela segue sendo um “dispositivo privilegiado para mapear trajetórias contemporâneas em disputa nas relações entre olhar, tecnologia, imagem, economia e subjetividade” (BENTES, 2018). De acordo com o Reuters Institute Digital News Report 2024<sup>8</sup>, o *Instagram* é a terceira rede social mais utilizada do Brasil. Criada em 2010 com a finalidade de facilitar o compartilhamento de fotos, a rede foi comprada pela controladora do Facebook Inc. em 2012 - que assumiu o nome de Meta Platforms em 2021.

Pensar as imagens por meio do *Instagram* se mostra relevante uma vez que a rede tem mais de 134 milhões de usuários no país, de acordo com o relatório publicado pela Datareportal Digital 2024<sup>9</sup>. Ainda, de acordo com Soares et al (2021), o *Instagram* pode ser compreendido com uma rede social que se configura pelo compartilhamento de imagens e vídeos em formatos pré-estabelecidos, que podem ser acompanhados por legendas verbais, emojis e *hashtags*. Outros elementos também se tornam relevantes a partir das usabilidades da plataforma, como as *bios* enquanto um instrumento de apresentação de formas de identificação e de causas - seja pelo uso de palavras ou de *emoticons*.

<sup>8</sup> Disponível em <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/es/digital-news-report/2024/brasil>.

<sup>9</sup> Disponível em <https://datareportal.com/reports/digital-2024-brazil>

Ziller e Barretos (2020) definem o *Instagram* como uma plataforma que opera por meio de algoritmos que determinam as políticas de mediação de conteúdos visuais e verbais publicados a partir de dinâmicas próprias de filtragem, hierarquização e circulação. Para as autoras, compreender o *Instagram* pelas lentes das plataformas significa inserir tal discussão em uma perspectiva política que considera os interesses corporativos de empresas de mídia como a Meta, controladora de redes sociais como o *Instagram* e o *Facebook*. Plataformas que não são neutras, mas sim estruturas com normas e valores previamente inseridos (VAN DIJCK, POELL, WAAL, 2018; GILLESPIE, 2018; MOROZOV, 2018).

Assim, nossa pesquisa teve como ponto de partida o perfil do projeto @ser.trans<sup>10</sup> no *Instagram*, que foi escolhido por tratar-se de um projeto fotográfico-narrativo que busca retratar, celebrar e enaltecer a "beleza de pessoas trans, travestis e não-binárias através de ensaios fotográficos e entrevistas, servindo também como um acervo de preservação e memória da população trans" (GABZ404, 2023).

No manifesto do projeto @ser.trans, a iniciativa se apresenta como uma construção de um arquivo visual e sonoro de pessoas trans, travestis e não-binárias, que surge de uma necessidade urgente de representação. Essa representação não busca seguir um modelo ideal, mas sim desafiar um padrão socialmente imposto que marginaliza tantos corpos, tornando-os clandestinos. Criado por Gabz 404, uma pessoa trans não-binária, o projeto foca nas experiências de pessoas trans, explorando suas semelhanças e diferenças. Motivado pelo sofrimento gerado pela falta de referências de narrativas trans, "SER TRANS" surgiu da recorrência de representações que limitam e impõem corporeidades às pessoas trans, reduzindo-as a estereótipos, "nasceu do cansaço das tabelas de passabilidade e checklists que tentam medir se você é trans 'do jeito certo'" (GABZ404, 2023). O projeto se coloca como um caminho para a materialização das vivências transgêneras, marginalizadas por um sistema cisgênero binário, prescritivo e cruel. É uma transgressão à normatividade, um grito de por reconhecimento de uma diversidade de existências.

Além do *Instagram*, o projeto é exibido no site de Gabz 404<sup>11</sup>, onde é possível encontrar os ensaios na íntegra. No *Instagram*, rede que mobiliza a presente discussão, é possível observar fragmentos desses ensaios, acompanhados de legendas que trazem falas dessas pessoas sobre suas experiências, medos, sonhos e desejos, bem como a identidade de gênero

<sup>10</sup> Disponível em [https://www.instagram.com/p/DBXG2\\_2OwOp/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/DBXG2_2OwOp/?img_index=1)

<sup>11</sup> Disponível em <https://gabz404.com/>.



com a qual cada uma se identifica. Se estamos tratando aqui da não-binariedade como uma identidade de gênero, este é o marcador que define as imagens que convocamos como ponto de partida para nossas discussões.

A partir da delimitação do recorte empírico, o percurso metodológico realizado se baseia em acionar a proposta conceitual de Abril (2007) sobre culturas visuais como operador analítico. Nesse caminho, é importante explicitar a proposta de Abril (2007) sobre cultura visual, que pode ser compreendida a partir da articulação entre visualidades (entendidas como as relações entre visível-invisível, dimensões perceptivas e sensíveis), imagem (composta pelos imaginários e suas representações icônicas) e mirada (composta por sujeitos e suas inserções temporais e espaciais).

Como perspectiva metodológica, Abril (2007) desenvolve uma proposição visual crítica que configura uma estratégia dedicada a analisar textos visuais

em termos de sua significação cultural, práticas sociais e relações de poder envolvidas. Isso supõe pensar nas formas de ver e imaginar desde o ponto de vista das relações de poder que as produzem, são articuladas por elas e também por elas são desafiadas (ABRIL, 2007, p. 36).

Ou seja, no caso das fotos do perfil do *Instagram* por nós analisadas, partiremos do que o autor nomeia de perspectiva sócio-semiótica cultural e crítica, que resulta do reconhecimento das limitações de uma análise formal das imagens assentada em propriedades plásticas tais como composição, luminosidade, cores, para nos pautar em conhecimentos ampliados sobre as articulações sócio-históricas de uma dada realidade, como as gramáticas corporais que se configuram a partir de dimensões normativas como gênero, classe e raça, bem como nos usos sociais das imagens fotográficas e as construções morais que normatizam dinâmicas visuais de publicização de si.

Nos termos de Abril (2007), tal movimento consiste em refletir sobre os textos visuais considerando conhecimentos históricos e culturais compartilhados. A partir do pensamento de Bourdieu (1992), o autor chama atenção para a necessidade de cotejar os elementos e características observados nas imagens com os modos de atuação da cultura na produção de corporeidades, em intersecção com outros elementos que configuram seu contexto interpretativo, como as dinâmicas de gênero e classe (adicionamos também a dimensão racial) e as engrenagens que configuram lugares de prestígio e rechaço associadas a práticas históricas da fotografia. Além disso, é fundamental considerar também aquilo que não se vê, os pontos

cegos das enunciações imagéticas, refletindo sobre as exclusões, invisibilizações de uma dada dinâmica sociocultural.

Buscamos, a partir das imagens acionadas, reconhecer sistemas de gramáticas visuais que configuram textos conjunturais, ou seja, que não são semioticamente fixados. Para tal, se faz necessário considerar as condições histórico-culturais de produção, distribuição e consumo/recepção de textos visuais. Assim, apontamos para a necessidade de que esses sejam lidos contextualmente a partir de marcos institucionais, práticos, gramaticais e tecnológicos, considerando suas condições de objetivação e, especialmente, a partir dos elementos disponíveis de apresentação de si.

Nessa direção, é possível pensar em imagens de não-binariedades a partir de outro paradigma material-semiótico (Leal, 2018), que dão a ver corporeidades que se produzem resistindo aos parâmetros de coerência resultantes do que Butler (2015) nomeia como matriz heterossexual, pautada em projeções cis-heteronormativas para sexo-gênero-sexualidade, como formas de perceber engrenagens fundamentais do contexto social. É pensar, por exemplo, a partir de imagens capazes de perturbar hierarquias de gênero, atribuir registros de cotidianidade para vidas consideradas extraordinárias (no seu pior sentido). É desestabilizar também uma gramática visual que determina parâmetros de legibilidade relacionados à humanidade, civilidade, legalidade e legitimidade de existência.

Como gesto de apreensão dessas imagens, convocamos o que Rivera Cusicanqui (2015) apresenta como descolonização da mirada para se referir à necessidade de libertação do olhar e da capacidade de visualização do que chama de ataduras da linguagem, assumindo experiência e memória como inseparáveis e articuladoras de sentidos mentais e corporais. Se no perfil analisado consideramos os textos visuais compostos por todo o conjunto de cada *post*, incluindo, por exemplo, os textos das legendas, acionamos as contribuições de Rivera Cusicanqui também para tensionar as relações entre linguagem verbal e visual. Além disso, convidamos ao diálogo, a seguir, autores como Martins (2023), Leal (2021), Mombaça (2021), Silva (2017) e hooks (2020) para refletir sobre imaginário, imaginação e fabulação.

#### **4. Sobre imagem/imaginário: fabulações não-binárias**

Pensar sobre não-binariedades a partir das imagens implica considerar as relações de poder e disputas sobre processos de normalização de corpos em termos cisheteronormativos. Por isso, optamos por tecer a presente reflexão assumindo a discussão da autora boliviana

Silvia Rivera Cusicanqui (2015) sobre a potência das imagens para refletir e tensionar relações de colonialidades em suas diferentes configurações. A sociologia da imagem proposta pela autora pode ser compreendida como lentes teóricas e metodológicas interessadas em perceber como as culturas visuais se desenvolvem em percursos particulares capazes de ritualizar e dar a ver aspectos mais ou menos conscientes do social, possibilitando compreensões significativas sobre a realidade. Mas como fazê-lo sem se debruçar em uma matriz binária de análise?

Rivera Cusicanqui (2021, p.29) aponta que “no colonialismo, há uma função muito peculiar para as palavras: elas não designam, mas encobrem”. Logo, é assumir que nas dinâmicas coloniais as palavras recorrentemente são convertidas em ferramentas de manutenção de estruturas de poder, assentadas em eufemismos que operam mais na ocultação e homogeneização de sentidos da realidade do que no ato de designá-la a partir da complexidade que a configura. São discursos transformados em maneiras de “não-dizer”, de silenciar, pautados em enunciações de duplos sentidos, em construções tácitas e convenções discursivas que conduzem a subentendidos que sustentam configurações simbólicas excludentes e violentas. Nesse contexto, as imagens oferecem potências interpretativas e narrativas do social capazes de evidenciar aspectos outros da realidade, divergentes das concepções coloniais que regem os discursos institucionalizados. Ou seja, por meio das imagens se faz possível perceber aspectos da realidade social historicamente subalternizados e apagados, como as corporeidades que escapam daquilo que a linguagem binária pretende nomear e produzir.

Nesse caminho, o movimento reflexivo proposto se assenta em acionar outros registros como referências simbólicas capazes de dar a ver estruturas profundas da realidade, como imagens, materialidades artísticas e gestos corporais. Chamamos atenção para um aspecto importante da contribuição da sociologia da imagem de Rivera Cusicanqui, que passa por considerar não apenas expressões materiais observáveis, mas também o corpo como dimensão política e simbólica que permite compreender camadas de sentido que não estão ditas nos textos. No entanto, as palavras, quando advindas de um outro subalternizado que pretende desfazer a lógica de enunciação da norma e relatar a si mesmo através de outras ferramentas (BUTLER, 2025), tem uma grande potencialidade de trazer à tona reflexões em torno dos

limites das nossas categorias que procuram fixar ao invés de provocar reflexões mais profundas.

Nesse caminho, nos interessa pensar nas imagens a partir de sua relação com o imaginário e com a fabulação. Para Martins (2023, p.98), fabular é "produzir imagens, olhares e identidades a partir da releitura crítica da história: do passado, operando no presente e no futuro, através de uma leitura poética do mundo. Fabular é especular para se produzir rotas de fugas existenciais e estéticas". Ou seja, na perspectiva das não-binariedades, a própria produção dos corpos, assim como de suas imagens, é acionada como ato de fabulação sobre possibilidades de existência e produção de si que rompem com as ficções cis-heteronormativas, em poéticas e estéticas outras, em movimentos de fissuras e descontinuidades com a norma.

Nesse sentido, Mombaça (2021) chama atenção para a relevância das ficções, já que essas operam como cimento do mundo, na medida em que tudo o que existe resulta da imaginação. Ou seja, fissurar as ficções cisheteronormativas a partir de imagens de corpos não-binários significa imaginar e, portanto, possibilitar outras realidades que as transbordem. Para a autora, a fabulação do fim deste mundo como o conhecemos – o mundo da matriz de inteligibilidade binária, por exemplo – abre a possibilidade de imaginar e construir outras realidades. Também, a partir das fabulações travestis sobre o fim, Leal (2021) associa a ação de fabular ao poder de cura à medida em que os processos de legitimidade se fazem possíveis pela legibilidade, que toma forma também em imagens diversas.

É dessa forma que “o imaginário aparece como trama, rede, bifurcação, encontro e fantasia” (SILVA, 2017), como o espaço da ambivalência, onde povoam sentidos que nos apresentam não somente enquanto aquilo que algo é – nos termos de uma definição construída e cuja manutenção é pelo próprio imaginário –, mas sobretudo sobre o que pode vir a ser. Se ficções e imaginários podem ser pensados enquanto conceitos sinonímicos, é através deles que nos referimos à criação material-semiótica da realidade: englobando discursos, sentidos, narrativas e, sobretudo, imaginários que dão materialidade à realidade que vai se estabelecendo.

Para Paul Preciado (2020), a mudança só é possível “riscando o mapa, apagando o nome para propor outros mapas, outros nomes que evidenciem sua condição de ficção pactuada. Ficções que nos permitam fabricar a liberdade” (p. 145). Quando Donna Haraway (2016a; 2016b) está buscando maneiras para seguir e enfrentar os problemas que estão postos - crises

climáticas, humanitárias, sanitárias etc -, ela propõe que busquemos outras ficções que possam dar conta da densidade que é o presente no movimento de criar-se futuros possíveis.

Assim, a disputa do imaginário reside em torno da potência da imaginação destacada por bell hooks (2020), de que “o que não podemos imaginar não pode vir a ser” (p.55). Isso passa pelas textualidades, em sua interpretação múltipla, na medida em que há uma dimensão discursiva/da linguagem em tudo, devemos nos perguntar

Com quais palavras temos nos aliado? Se as palavras nos dão o mundo, que mundo é esse que nos foi dado a conhecer? Quais palavras precisamos esquecer para que outras novas nasçam? Como cortar o léxico gramatical? Esburacar, ruir, corroer, bifurcar, desmornar a língua. (DILACERDA e RAVENA, 2020, p.4).

Assim, a desvinculação do binarismo de gênero que é duramente imposto e sustentado, reforça a possibilidade de “como corpo – e esse é o único ponto interessante sobre ser um sujeito-corpo, um sistema tecnovivo -, sou a plataforma que torna possível a materialização da imaginação política” (PRECIADO, 2018, p.150). Portanto, tendo em vista as concepções de imagem, fabulação e imaginação acionadas como bases teóricas para a discussão proposta, prosseguiremos refletindo sobre as limitações das estratégias binárias e estanques como lentes para pensar tais processos de produção das corporeidades como plataformas de materialização de imaginação política.

## **5. Reflexões sobre não-binariedades: análise de imagens e potências de fabulação**

Diante do nosso corpus, e já reconhecendo as limitações de uma análise formal assentada em propriedades das dimensões técnicas das imagens, conforme já discutido anteriormente a partir de Abril (2007), nos detemos a uma interpretação sobre as maneiras pelas quais esses registros podem perturbar ou embaralhar as distinções binárias de gênero. Neste caminho, é possível perceber também como essas distinções foram construídas historicamente e têm se sustentado em tão pouco para se manter com o valor de natureza-verdade.

É pensar, se a discussão de Abril (2007) sobre a cultura visual propõe a mirada como uma das dimensões que a configuram e, sendo a mirada a perspectiva do olhar, ou o que Jácome et al (2021) contextualizam como uma visão modalizada pela cultura, já que é exercida a partir de saberes, pressupostos, conhecimentos prévios, é possível pensar nesses posts, na condição de textos visuais, como uma mirada não-binária sobre si. Ao mesmo tempo, o conjunto formado pelas imagens, legendas, nomes de usuário e emoticons são também uma convocação

para quem vê a uma outra mirada que se assenta e referências que rompem com o imaginário cis-heteronormativo.

Para desfazer a lógica comparativa que a racionalidade binária sustenta no esforço de se provar viável e verossímil, apresentamos o primeiro grupo de imagens de maneira conjunta. Dessa forma, acreditamos ser menos provável incorrer no risco de apenas conceber o mundo a partir da norma, ou de compartimentalizar os corpos a partir dos códigos cis-heteronormativos. Nossa intenção não é, portanto, dissecar essas imagens, mas refletir sobre elas a partir do que elas inspiram no campo de uma coletividade de fabulações de realidades (LEAL, 2018) múltiplas. De saída, quando observamos conjuntamente as imagens da FIG 2, fica evidente a



multiplicidade de formas de produzir a si como sujeitos não-binários, evidenciando a ausência de um código único que configure o fenômeno.

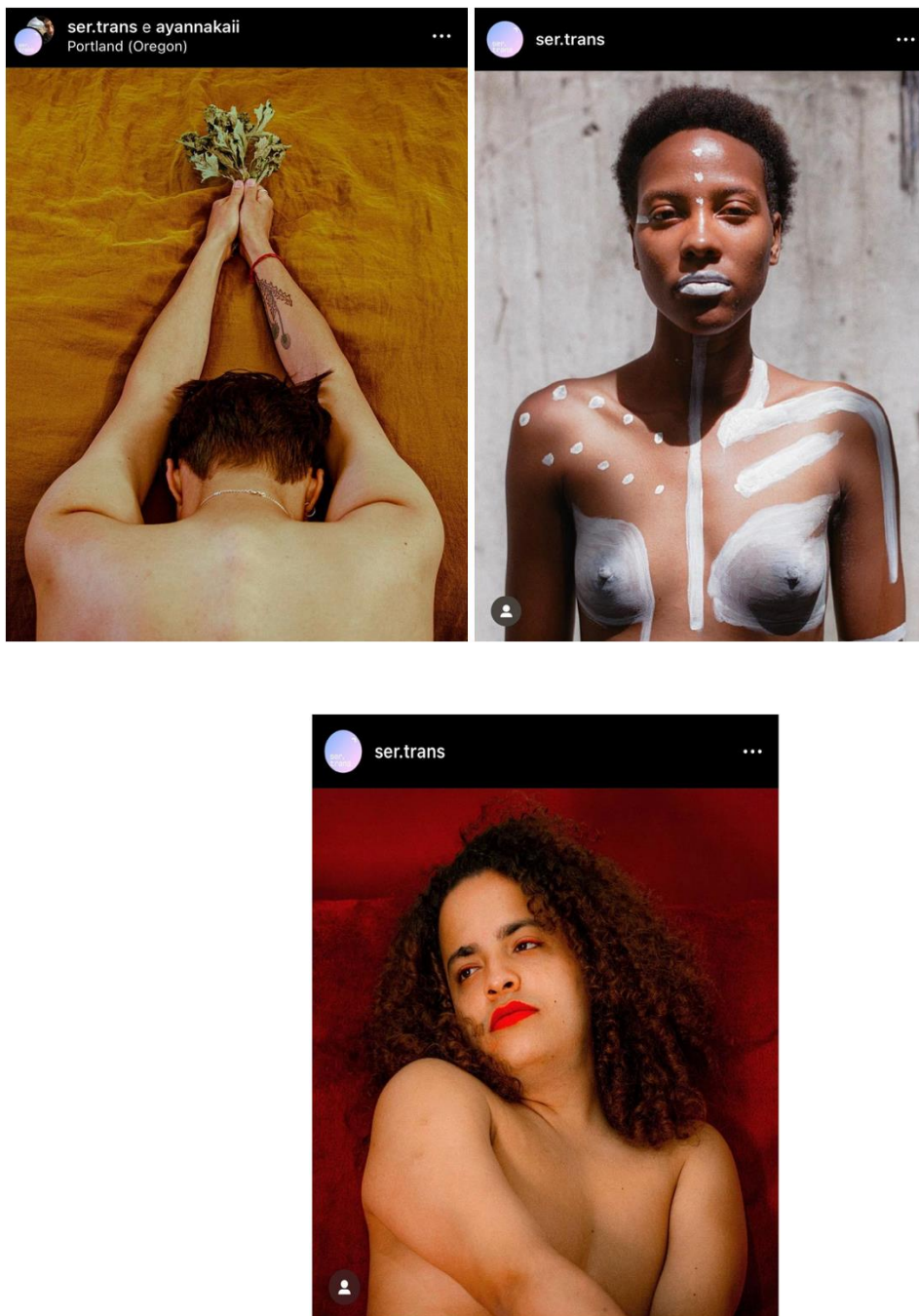


FIGURA 2 – *Imagens de pessoas não-binárias*  
FONTE – @SER.TRANS, 2024.

A primeira imagem da figura 2 traz a questão do relance proposta por Halberstam (2008), ao apresentar visualmente elementos que não se estabelecem de maneira que se consiga

distinguir a binariedade de gênero forçadamente imposta de maneira não-comparativa. A dimensão de que a verdade do gênero não está no corpo aparece na imagem, na qual se observa um corpo de costas, onde não são vistos elementos que servem proteticamente para distinção do binarismo de gênero. Aqui se faz evidente a indissociabilidade das articulações entre organismos e artefatos tecnológicos dos sentidos de gêneros. Na ausência de artefatos mais ou menos acoplados ao corpo, seja no âmbito da produção física de códigos de gênero, seja a partir de próteses como conceito-metáfora, que poderiam ser objetos espalhados pela cama, por exemplo, os parâmetros cisheteronormativo são borrados.

Dessa maneira, se faz possível perceber os gêneros como empreendimentos produtivos, que se dão por meio da articulação de elementos e intervenções diversas, alguns de fato modificando a matéria orgânica e outros, mais ou menos materiais, que mesmo não atravessando a dimensão física dos corpos, são altamente eficientes na composição e produções de seus sentidos. Ao contrário dos parâmetros cis-heteronormativos de gênero que precisam se assentar em referências perenes, ainda que essas passem por modificações cosméticas superficiais, quando tratamos de não-binariedades, percebemos a multiplicidade dessa gramática insurgente, em especial quando consideramos das dinâmicas de desidentificações apontadas por Preciado (2018). Ou seja, o processo de fabulação de si parte da ruptura do pacto com a norma, inaugurando possibilidades heterogêneas de produção de corporeidades. Nas imagens por nós convocadas, a multiplicidade se faz evidente não só pela diversidade dos corpos, mas também de estéticas e contextos. Logo, a perspectiva da desidentificação permite perceber uma dinâmica singular do fazer gênero. Diferente da lógica prescritiva cis-heteronormativa, que estabelece parâmetros de feminilidade e masculinidade a partir de códigos prévios (com variações de superfície), o processo de desidentificação é um devir, de maneira a configurar possibilidades abertas de fabulação que se estabelecem quando postas em ação.

Em duas das três imagens, assim como nas figuras 3 e 4, os corpos são interpelados pela câmera frontalmente. Em quatro delas é possível perceber que olhares encaram a câmera de volta. Refletindo sobre o contexto sociopolítico implicado em fotografar corpos não-binários, é possível convocar ainda o caráter documental dos ensaios, na medida em que se documenta aquilo que existe, não se tratando apenas das materialidades físicas retratadas, mas considerando também as miradas que interpelam quem observa tais imagens. São olhares firmes, tranquilos, seguros, que possibilitam perceber sujeitos confortáveis em sua própria pele,

a despeito das coerções da cis-heteronorma. Não significa apagar as violências que pesam sobre esses corpos, mas a não os reduzir a elas. Essa é uma das potências de fissura dessas imagens, construindo uma gramática visual respeitosa, que desloca essas corporeidades das tentativas de aprisionamento e punição cis-heteronormativo.

Os corpos retratados e a maneira sensível como eles são enunciados nas imagens, ajudam a vislumbrar essa possibilidade de fomentar corpos enquanto plataformas de imaginação política (PRECIADO, 2018), que superam o imaginário binário e colonial que cerceia a dimensão de criatividade e sensibilidade incendiária. Os retratos revelam, em alguma

medida, um chamado para que algo se acenda, se incendeie e se habilite a mudar aquilo que está estabelecido enquanto realidade (VIDARTE, 2007).

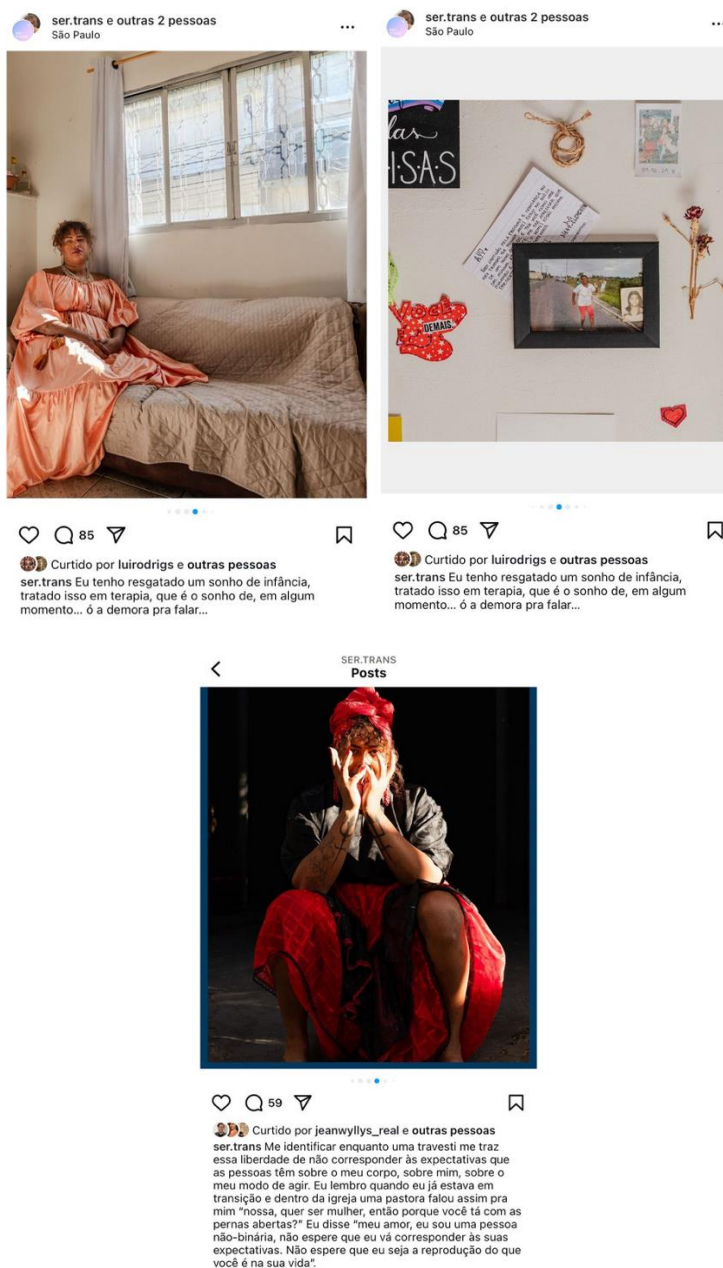


FIGURA 3 – *Ayo Tupinambá*.  
FONTE – @SER.TRANS, 2024.

As não-binariedades como processo de desidentificação de gênero se colocam como um desafio para o pensamento moderno e para as ferramentas de compreensão da realidade que dele derivam. Dessa maneira, sendo a criação de categorias uma marca importante de tais

lentes para ler o mundo, as não-binariedades se apresentam como um tipo de embaralhamento desse modelo de pensamento, atravessando existências e enunciações de maneira múltiplas. O post do ensaio de Ayo Tupinambá (FIG 3), que se apresenta como travesti, traz na legenda, quando ela relata a resposta dada a uma pastora que a provocou, ao dizer que se ela quer ser mulher, não poderia estar com as pernas abertas: “meu amor, eu sou uma pessoa não-binária, não espere que eu vá corresponder às suas expectativas. Não espere que eu seja a reprodução do que você é na sua vida” (@ser.trans, 2024, *Instagram*). Dessa maneira, ao se identificar como travesti e acionar a não-binariedade como ruptura com as expectativas alheias de performatividade de gênero, fica evidente como os próprios parâmetros metodológicos estáveis, típicos das reflexões da ciência tradicional, não dão conta das instabilidades trazidas por essa categoria que se caracteriza justamente pela recusa às categorizações binárias. Ou seja, se em alguns contextos as não-binariedades são reivindicadas como a própria identidade de gênero, em outros contextos elas aparecem como qualificadoras de outras identidades, como travesti não-binária, de forma a inaugurar outras perspectivas identitárias. Se o marcador de identidade de gênero que acompanha as fotos é nosso parâmetro metodológico de seleção das imagens, ele se mostra insuficiente quando acessamos o conjunto desta postagem, compreendida pelas imagens, a legenda, localização e comentários. É considerar que o próprio exercício reflexivo aqui proposto denuncia as limitações e desafios por ele oferecidos no encontro com as identidades de gênero não-binárias.

Assim, ao nos deparar com as textualidades do *Instagram*, em que imagens são acompanhadas por legendas compostas por textos, *emoticons* e *hashtags*, esse entrecruzamento de linguagens potencializa a complexidade que atravessa as identidades de gênero que se reivindicam como não-binárias. A enunciação de Ayo Tupinambá como uma travesti não-binária, desestabiliza o que Gabz 404 nomeia em seu manifesto do projeto *Ser.trans* como “tabelas de passabilidade e *checklists* para saber se você está sendo trans do jeito certo”. É dizer, se a matriz binária tenta imprimir seus constrangimentos também nos corpos trans a partir de parâmetros de passabilidade ou vinculação aos pólos de feminilidade e masculinidade, os corpos que se enunciam como não-binários recusam qualquer pretensão de coerência cis-heteronormativa. Ao mesmo tempo, se a cis-heteronorma insiste em estigmatizar as existências trans, que incluem os corpos não-binários, como abjetos, exóticos e anormais, é preciso destacar a força performativa das imagens que compõem os ensaios do projeto @ser.trans. No caso de Ayo Tupinambá, as fotos feitas no espaço da casa, composta por objetos cotidianos,

como um sofá coberto por uma colcha, lembranças afetivas, como fotos de familiares, um bilhete e um pequeno ramo de flores secas colados em uma parede branca, trazem uma dimensão de domesticidade para as imagens, que apontam para um tipo de partilha do comum que compõe a vida ordinária de qualquer pessoa.

O que se percebe, dessa maneira, é que as imagens de corpos não-binários não costumam oferecer suporte referencial para leituras baseadas em matrizes binárias de inteligibilidade. Assim, tendo como base a discussão de Rivera Cusicanqui (2015), se a linguagem verbal tenta compor nas legendas projetos de inteligibilidade, de explicações e contextualizações para esses corpos, o encontro desses textos verbais com as imagens muitas vezes operam no embaralhamento de referências estabilizadas. Ao mesmo tempo, o encontro



visual com as imagens possibilita e fortalece a fabulação de mundos e formas de existência possíveis, que demandam e convocam outras referências de existência.

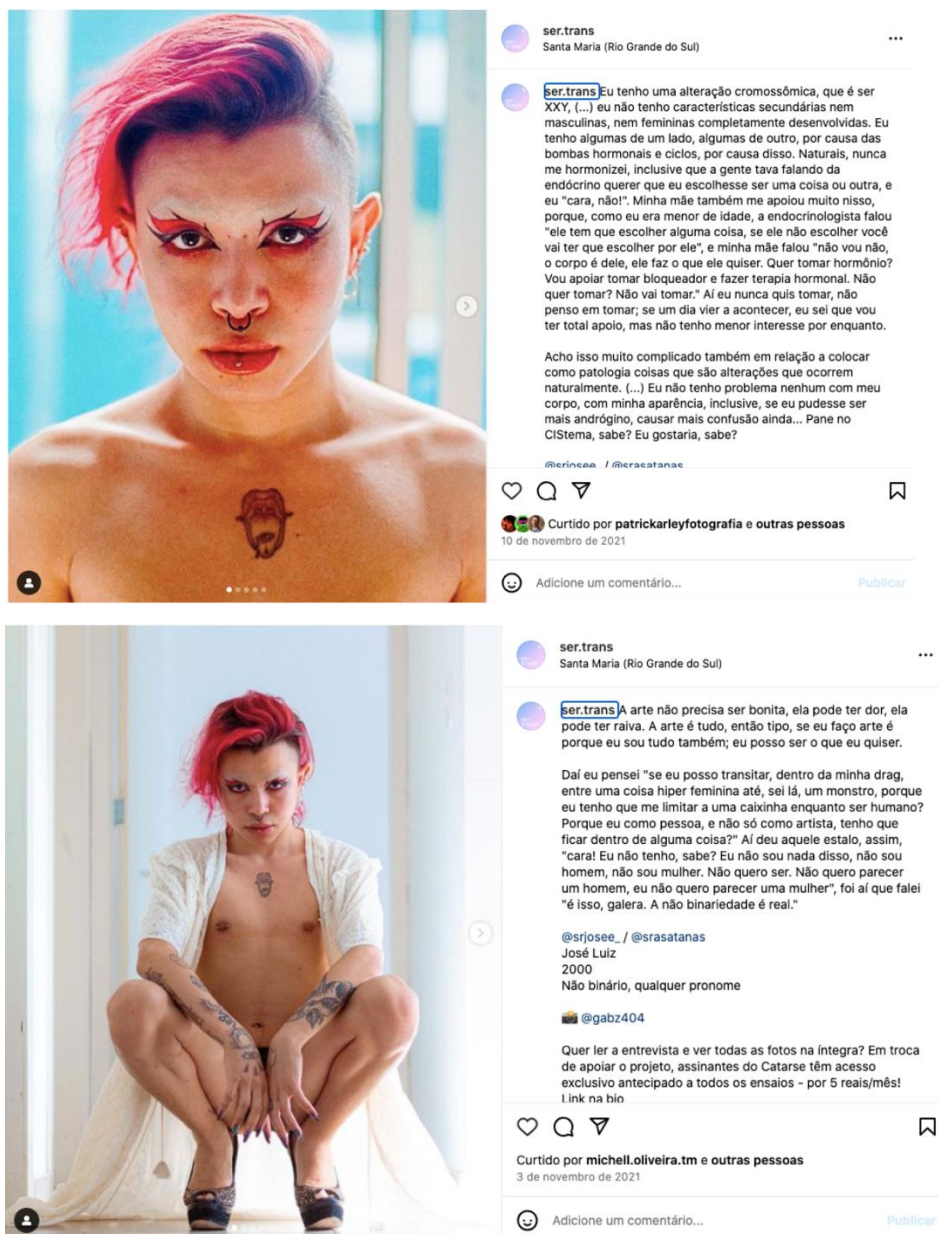


FIGURA 4 – *Idris Cataclisma*.  
FONTE – @SER.TRANS, 2024.

Ou seja, quando a linguagem é acionada por sujeitos insurgentes à cis-heteronoma, como são as pessoas não-binárias, o que Rivera Cusicanqui (2015) atenta como os riscos da linguagem colonial binária de silenciar e encobrir, também pode nos auxiliar a compreender,

por exemplo, a enunciação de Idris Cataclisma sobre sua experiência de não-binariedade. Na figura 5, na legenda do *post*, ela diz:

A arte não precisa ser bonita, ela pode ter dor, ela pode ter raiva. A arte é tudo, então tipo, se eu faço arte, é porque eu sou tudo também; eu posso ser o que eu quiser. Daí eu pensei “se eu posso transitar, dentro da minha drag, entre uma coisa hiper feminina até, sei lá, um monstro, por que eu tenho que me limitar a uma caixinha como ser humano? Por que eu como pessoa, e não só como artista, tenho que ficar dentro de alguma coisa?” Aí deu aquele estalo, assim: “cara, eu não tenho, sabe? Eu não sou nada disso, não sou homem, não sou mulher. Não quero parecer um homem, não quero parecer uma mulher”, foi aí que falei: “é isso, galera! A não binariedade é real.” (@ser.trans, 2021, *Instagram*)

Já na figura 4, também na legenda, Idris Cataclisma conta sobre uma alteração cromossômica que possui, que é ser XXY, o que faz com que não tenha características secundárias masculinas ou femininas completamente desenvolvidas. Dessa maneira, essa contextualização é importante como tentativa de despatologizar sua condição. Junto de sua mãe, ela relata ter sofrido pressão médica para escolher entre masculino ou feminino e se harmonizar, o que recusou. E argumenta: “é complicado colocar como patologia coisas que são alterações que ocorrem naturalmente” (@ser.trans, 2021, *Instagram*). Assim, por meio da linguagem, há uma tentativa de atribuir sentido para sua existência, ao passo em que na dimensão da imagem, além do corpo em si, as decisões de produção simbólica que transformam este em corporeidade, recusam qualquer tipo de legibilidade a partir de referências binárias. Neste ponto, a chave de leitura proposta por Rivera Cusicanqui se mostra promissora, à medida em que denuncia a potência das imagens em resistir às descrições que a linguagem é capaz de fazer. Ao acionar a referência de sua drag que transita entre hiper feminilidade e a monstruosidade como ponto de partida para produzir a si própria como sujeito, Idris Cataclisma traz mais uma camada para as não-binariedades, que extrapola os referenciais de feminilidade e masculinidade. A arte e/ou a monstruosidade, por exemplo, podem ser referências de produção de sentido para um corpo, construindo imaginários de corporeidade diversos e imprevisíveis. Nesse caminho, ainda que a linguagem seja acionada pelos próprios sujeitos não-binários que aparecem nas imagens como um recurso que busca dizer sobre as próprias experiências fora da cis-heteronormativa, ao nos deparar com os textos visuais, as referências tradicionais de nomeação da linguagem se mostram insuficientes. A potência das corporeidades

não-binárias fica evidente, assim como nossa incapacidade de categorizar e nomear, a não ser pela recusa à cis-heteronorma como experiência partilhada.

Dessa forma, nos questionamos como alcançar essas potentes fabulações de si pela linguagem? No mesmo caminho, assim como apontado por Azevedo (2024), as não-binariedades desestabilizam a própria noção de gênero à medida em que o espectro masculinidade/feminilidade se mostra estéril para a compreensão dessas identidades e suas corporeidades. Ou seja, é necessário fabular também outras referências de pensamento e de vocabulário que possibilite ler essas corporeidades em sua complexidade.

## 5. Apontamentos finais

Prevalece, sobretudo, a percepção de que transidentidades e, mais especificamente, as não-binariedades - direção através da qual se detém esse estudo - não devem dever corporeidades à cisheteronorma, na redundância que a própria afirmação propõe. Isto, especialmente, quando se tem como horizonte a possibilidade de desestabilizar a binariedade e desobedecer à cisheteronormatividade que compartimentaliza, limita e ceifa as vivências de gênero e sexualidades dissidentes.

Ao longo da elaboração da pergunta de pesquisa e do desenvolvimento do trabalho, entendemos que as questões de visualidades trans exigem que se tenha mais que uma cautela teórica e metodológica para dar conta das multiplicidades de vivências trans, mas que se proponha uma verdadeira revisão dos métodos e categorias para produção dessas análises. É urgente buscar formas de produção de conhecimento que não incorram em lógicas prescritivas de análise e ponderação. Isso, no entanto, não deve representar um limite para as discussões, mas principalmente revelar a maneira como a paisagem (KOBABE, 2023) é ampla, experiencial, experimental e difícil de ser capturada por lentes estáticas, ou que estejam pouco dispostas a captar as nuances em torno dessas vivências e as arestas que se apresentam a cada recorte. E que há uma urgência em repensar a maneira como os estudos sobre visualidades têm servido para fomentar lógicas prescritivas e estanques de análise das corporeidades.

A emergência de formas de enunciação de si que embaralham ou reivindicam outras gramáticas, como a travestilidade não-binária ou a sapatonice não-binária, demonstram como “a não binariedade é um problema nos estudos de gênero porque, epistemologicamente, ao falar dela, estamos falando contra o gênero” (Azevedo, 2024, p.1), mas que é também uma

questão para os estudos de comunicação, porque as plataformas digitais têm cada vez mais servido para trazer novos sentidos e/ou imaginários para essas questões.

Partir do *Instagram* e das imagens que compõem o perfil @ser.trans possibilita expandir o imaginário de corporeidades, rompendo com a cis-heteronorma e inaugurando uma diversidade de formas de produzir os corpos e se enunciar no mundo. Essas imagens contribuem para romper com a tentativa de pasteurização cosmética de gênero, típica da cis-heteronormatividade. É dizer, se os padrões binários de gênero estabelecem referenciais restritos de corporeidades postas como ideias, quando o processo de desidentificação é assumido como ponto de partida para as identidades não-binárias, entendemos o as corporeidades e as identidades de gênero a elas associadas (na condição de corpos que se ofertam como um uma construção simbólica) como um devir. Dessa maneira, se as corporeidades que se identificam como não-binárias são um devir, as ferramentas teóricas e metodológicas de estudos que se voltam para este recorte de realidade também devem se assumir provisórias, abertas e eventualmente insuficientes para dar conta da complexidade deste fenômeno. Assim, mais do que trazer aqui quais referências se colocam como adequadas para pensar sobre o fenômeno das não-binariedades que se dão a ver nas imagens acionadas, este artigo buscou apresentar a complexidade do fenômeno, algumas possibilidades de aproximação reflexiva sobre ele, mas, principalmente, apresentar desafios oferecidos por ele às pesquisas contemporâneas, que podem ser lidas como um convite ao pensamento científico para se rever e buscar outras formas e ferramentas adequadas para a complexidade de outros imaginários e fabulações que se apresentam.

Tendo em vista a reflexão empreendida neste trabalho, ao refletir sobre as não-binariedades, nos parece fundamental considerar também as instabilidades das próprias categorias de pensamento/identidades acionados. É dizer, se no contexto de pensamento contemporâneo não defendemos a abolição completa das categorias, uma vez que elas nos auxiliam a organizar as reflexões empreendidas, é importante considerar que para pensar sobre corpos não-binários, se faz necessário assumir a provisoriedade dessas, de maneira a acioná-las, combiná-las e recombina-las de formas múltiplas e imprevisíveis.

Em termos teóricos, sendo gênero uma categoria em disputa, atravessada pelas relações de poder e constrangimentos cis-heteronormativos, é necessário também partir de referências contra hegemônicas, atentas a tais disputas e comprometidas em ampliar as possibilidades epistemológicas que tornam possível a construção de uma multiplicidade de chaves de leitura

que rompam com a binariedade típica do pensamento moderno. Além disso, do ponto de vista metodológico, se mostra mais interessante partir da parcela da realidade que se pretende observar, compreendendo e acionando as ferramentas teóricas e metodológicas que auxiliem nessa leitura, considerando, inclusive, a insuficiência de tais instrumentos para dar conta da complexidade característica do fenômeno. É dizer, em termos teóricos e metodológicos, não devemos incorrer no risco de realizar escolhas prévias e fixas e tentar fazer caber um fenômeno fluido e instável como as não-binariedades nessas caixas previamente construídas. As não-binariedades trazem desafios ao pensamento científico e, sendo um gesto de fabulação de outros mundos possíveis, demanda também que o pensamento a elas dedicado esteja aberto a outros imaginários e devires.



## Referências

- SHANNON, C; WEAVER, W. **The mathematical theory of communication**. Urbana: University of Illinois Press, 1962.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- Abril, Gonzalo. *Análisis crítica de textos visuales*. Madrid: Editorial Síntesis, 2007.
- ANZALDÚA, G. **A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios**. São Paulo: A Bolha Editora, 2021.
- AZEVEDO, D. Não binariedade: uma identidade emergente no Brasil contemporâneo. **Revista Periódicos**, [S. l.], v. 1, n. 20, p. 01–05, 2024. DOI: 10.9771/peri.v1i20.59507. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/59507>. Acesso em: 16 fev. 2025.
- BENTES, A. MediaLab UFRJ » **Quase um tique**: economia da atenção, vigilância e espetáculo a partir do Instagram. 19 jun. 2018. Disponível em: <<http://medialabufrrj.net/projetos/quase-um-tique-economia-da-atencao-vigilancia-e-espetaculo-a-partir-do-instagram>>. Acesso em: 1 jun. 2020
- BUTLER, J. **Problema de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. 2a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- FOUCAULT, M. **Ditos e escritos IX**: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- GABZ404. Bio. Disponível em: <<https://gabz404.com/bio>>. Acesso em: 15 jun. 2023.
- GARCIA, M. **Parque das ruínas**. São Paulo: Luna Parque, 2018.
- GILLESPIE, T. **A relevância dos algoritmos**. Parágrafo, v. 6, n. 1, p. 95–121, 2018. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/722>>. Acesso em: 1 jun. 2020.
- HABIB, I. *Corpos transformacionais: os estados corporais e as políticas dos corpos transgêneros na cena contemporânea*. **Anais do VI Encontro Científico da ANDA**. Salvador: ANDA, 2019.
- HALBERSTAM, J. **Masculinidad Femenina**. Barcelona: Editorial Egales, 2008.
- HARAWAY, D. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCom Cultura Científica** - pesquisa, jornalismo e arte I Ano 3 - N. 5 /Abril de 2016a.
- \_\_\_\_\_. **Staying with the trouble**: making kin in the Chthulucene. Durham: Duke University Press, 2016b.
- HOOKS, B. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.
- PEREIRA JÁCOME, P; KABALIN CAMPOS, J; SOUZA LEAL, B. Olhares intrusos: Reflexões e miradas sobre um mundo ch'ixi. **Matrizes**, V.15 - Nº 1 jan./abr, 2021, p.299-314.
- KOBABE, M. **Gênero queer**: memórias. São Paulo: Tinta da China Brasil, 2023.
- LEAL, D. Fabulações travestis sobre o fim. **Conceição/Conception**, [S. l.], v. 10, n. 00, p. e021002, 2021. DOI: 10.20396/conce.v10i00.8664035. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8664035>. Acesso em: 16 jun. 2023.
- MALATINO, H. **Queer embodiment**: monstrosity, medical violence, and intersex experience. Lincoln: University of Nebraska Press, 2019.
- MARTINS, S. **Teatralidades-aquilombamento**: várias formas de pensar-ser-estar em cena no mundo. Belo Horizonte: Javali, 2023
- MOMBAÇA, J. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021
- MOROZOV, E. Opposing the Exceptionalism of the Algorithm. In: VAN ES, K.; SCHAEFER, M. T. (Ed.). **The datafied society**. Studying culture through data. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2017.
- PRECIADO, Paul. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 1, p. 11–20, jan. 2011.



\_\_\_\_\_. **Testo Junkie**: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. RIBEIRO, Maria Paula Gurgel (Trad.). São Paulo: n-1 edições, 2018.

\_\_\_\_\_. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

RAVENA, I; DILACERDA, L. **Como cortar o mundo com delicadeza?** 5 dez. 2020. Disponível em: <[https://www.academia.edu/45583597/Como\\_cortar\\_o\\_mundo\\_com\\_delicadeza\\_Isadora\\_Ravena\\_e\\_Lucas\\_Dilacerda](https://www.academia.edu/45583597/Como_cortar_o_mundo_com_delicadeza_Isadora_Ravena_e_Lucas_Dilacerda)>. Acesso em: 20 ago. 2021.

RIVERA CUSICANQUI, S. **Sociologia de la imagen**: Miradas ch'ixi desde la Historia andina. Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.

\_\_\_\_\_. **C'hixinakax utxiwa**: uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores. São Paulo: n-1 edições, 2021

SILVA, J. **Diferença e descobrimento**. O que é o imaginário? A hipótese do excedente de significação. Porto Alegre: Sulina, 2017.

SOARES, F et al. Infodemia e Instagram: como a plataforma é apropriada para a produção de desinformação sobre a hidroxiclороquina. revista **Fronteiras** - estudos midiáticos. v.23, n.2 p.89-101, 2021.

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; WAAL, M. de. **The Platform Society**. New York: Oxford University Press, 2018.